

BIOJOIAS, DESIGN E A IDENTIDADE DE ETNIAS INDÍGENAS: ESTUDOS PARA FUTUROS DESEJÁVEIS EM SUSTENTABILIDADE

Palavras-chave: Biojoias, Design, Etnias Indígenas.

Nadja Maria Mourão; Universidade do Estado de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
nadjamourao@gmail.com.

Ana Célia Carneiro Oliveira; Universidade do Estado de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
ana.carneiro@uemg.br.

1. Introdução

No contexto brasileiro, as populações indígenas se sobressaem pelo manejo sustentável dos recursos naturais, em especial das espécies vegetais nativas. Esse conjunto de práticas tradicionais constitui um patrimônio biocultural de grande relevância, resultado da interação histórica entre conhecimento ancestral, preservação ambiental e modos de vida coletivos (Diegues, 2000). Nesse cenário, as biojoias — adornos produzidos a partir de materiais orgânicos como sementes, fibras, madeiras e resinas — tornaram-se expressão contemporânea dessa articulação entre natureza, cultura e economia solidária (Mourão, 2011).

O design, entendido como campo interdisciplinar, oferece instrumentos metodológicos e criativos que podem potencializar o valor simbólico e material dessas produções, respeitando os saberes ancestrais e fortalecendo as identidades coletivas. Escobar (2018) defende que práticas de design comprometidas com os territórios locais são fundamentais para romper com lógicas coloniais e construir “futuros pluriversais”. Assim, estudar as biojoias sob a perspectiva do design decolonial e colaborativo permite evidenciar caminhos possíveis para futuros desejáveis, alinhados aos princípios da sustentabilidade socioambiental e da valorização das etnias indígenas.

Este trabalho busca destacar as relações entre as espécies vegetais, o artesanato e o design, em atividades interdisciplinares envolvendo comunidades indígenas e práticas

de criação voltadas à produção de biojoias. Pretende-se ainda refletir sobre como tais práticas se constituem como alternativas viáveis para o desenvolvimento local sustentável, em consonância com princípios defendidos por autores como Sachs (2009) e Manzini (2008).

2. Metodologia

A pesquisa parte do entendimento de que o design, ao dialogar com os saberes tradicionais e com as práticas artesanais ancestrais, pode contribuir significativamente para a construção de futuros desejáveis em sustentabilidade. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, com ênfase em revisão bibliográfica. A pesquisa organiza-se em subtemas, reunindo aportes teóricos de autores que discutem sustentabilidade (Sachs, 2009), design social (Manzini, 2008) e epistemologias decoloniais (Escobar, 2018). Além disso, são citados exemplos de iniciativas de biojoias em comunidades indígenas, evidenciando a prática como estudo de caso que ilustra a articulação entre design e saberes tradicionais.

3. Contextualização Teórica

A produção artesanal indígena se fundamenta em uma profunda relação entre comunidade e território, na qual o manejo de recursos naturais obedece a ciclos ecológicos e a saberes transmitidos oralmente entre gerações (Diegues, 2000). Autores como Arturo Escobar (2018) defendem a importância de práticas de design que rompam com a lógica hegemônica do desenvolvimento moderno e promovam alternativas baseadas nos contextos locais. Para o autor, “a construção de futuros desejáveis requer reexistências plurais, onde o design se faz mediação” (Escobar, 2018, p. 178).

Nesse sentido, Manzini (2015) propõe o design social como prática de mediação, na qual o designer atua como facilitador de processos colaborativos, valorizando as capacidades locais e fortalecendo redes de produção e distribuição. Essa perspectiva é essencial para compreender como o design pode contribuir para a valorização das biojoias indígenas, respeitando suas especificidades culturais.

As biojoias são compreendidas como artefatos elaborados artesanalmente por comunidades étnicas ou tradicionais, mediante o uso de saberes culturais aplicados ao manejo e arranjo de matérias-primas de origem vegetal, extraídas dos biomas onde essas comunidades estão inseridas – rituais, cerimoniais, utensílios e ornamentos pessoais, conforme Lopes (2018).

Portanto, as biojoias representam um exemplo concreto de articulação entre natureza e cultura, por meio da qual a biodiversidade se converte em fonte de identidade, renda e resistência sociocultural. Mourão (2011) observa que a apropriação sustentável de recursos vegetais contribui para ampliar alternativas de geração de renda, além de resguardar práticas ancestrais.

4. Produção de biojoias na Amazônia

Entre os principais materiais utilizados na produção de biojoias está a Janira (*Phytelephas macrocarpa*), que possui uma semente dura e coloração esbranquiçada, frequentemente chamada de “marfim da Amazônia”, devido à sua semelhança com o marfim animal. “A palmeira janira é endêmica no sudoeste e Oeste da Amazonia. No Brasil é encontrada nos Estados de Rondônia, Acre e Amazonas e, também, na Bolívia, Peru, Colômbia e no Equador, chegando à América Central” (Costa; Rodrigues; Hohn, 2006, p. 368).

Os povos indígenas e comunidades que produzem artesanato e biojoias com as sementes de janira são: os Tikuna (Amazonas, Colômbia e Peru), os Kichwa ou Quíchua (Equador, Colômbia e Peru), os Warao (Venezuela e Amazônia) e também as comunidades ribeirinhas e cooperativas amazônicas (Acre, Amazonas, Pará, entre outras). Hirsch (2023) esclarece que, pela diversidade das tribos, torna-se complexo mensurar a produção de biojoias amazonense.

Além das sementes de janira (*Phytelephas macrocarpa*), Schierholt (2019) destaca que as sementes de açaí (*Euterpe oleracea*), amplamente utilizadas na criação de colares, pulseiras e brincos, e o falso-pau-brasil (*Adenantha pavonina L.*), cuja coloração vibrante confere um aspecto diferenciado às peças. Os artesãos respeitam o ciclo natural das sementes locais e, para a confecção de biojoias e outros adornos, utilizam também fibras vegetais, como as da palmeira chambira (*Astrocaryum chambira*) e do tucum

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

(*Astrocaryum vulgare*). A figura 1 apresenta imagens de biojoias com a jarina (*Phytelephas macrocarpa*), cujas sementes são beneficiadas, para produção artesanal.



Imagem 1 - Biojoias de jarina, açaí e outras sementes.
Fonte: Acervo da pesquisa,2024.

O artesanato indígena, além de ser uma expressão cultural e identitária, representa uma importante fonte de renda para muitas comunidades e de conservação da biodiversidade da região. Segundo Schierholt *et al.* (2020), as biojoias não apenas adornam o corpo, mas afirmam territorialidades e cosmologias.

O Projeto Pimidy, desenvolvido por mulheres da comunidade Wapichana, na Terra Indígena Tabalascada, município de Cantá, em Roraima (RR), é resultado da iniciativa da líder Isabela Wapichana. O grupo confecciona colares e adornos em fibras de buriti e sementes regionais, realizando oficinas participativas que se constituem como espaços de transmissão de saberes, memória ancestral e ativismo comunitário. A líder buscou o Sebrae para empreender os produtos (Politicamacuxi.com.br, 2025) e, por meio dos cursos oferecidos pela instituição, recebeu orientação profissional, inclusive de designers, para melhor seleção e aplicação dos materiais em biojoias, sem descaracterizar os valores identitários das peças. A partir desse processo, a criação de oficinas com outras mulheres Wapichana consolidou o Projeto Pimidy. Além disso, por meio das redes sociais, Isabela passou a acessar novos conteúdos e referências de outros profissionais (@isabelawapichana).

“Para os povos indígenas, a floresta é um livro aberto de conhecimentos transmitidos de geração em geração. Cada planta, semente, osso e pena tem um significado cultural e uma conexão com suas histórias de vida” (Kahwage, 2024, p. 26).

Na Amazônia paraense, o Coletivo Nunghara, em Santarém (PA), capacitou cerca de 90 mulheres de seis comunidades para a criação de biojoias com sementes locais, integrando princípios de design artesanal, economia solidária e gestão sustentável dos recursos naturais. Entre as participantes das oficinas de cocriação encontram-se profissionais como Angelsea Camargo, designer de biojoias. Nas oficinas, as participantes foram estimuladas a elaborar croquis, praticar técnicas de confecção de colares, pulseiras, brincos e outros adornos, bem como explorar procedimentos de acabamento (Miranda, 2025). Essas iniciativas demonstram a aplicação de ecologias de saberes locais e fortalecem circuitos de produção e circulação que escapam às lógicas extrativistas impostas pela modernidade eurocêntrica (Escobar, 2018; Quijano, 2005).

Segundo Leal (2024), merece destaque ainda a ação promovida pelo Ideflor-Bio em parceria com a Associação de Mulheres Indígenas do Gurupi, na Terra Indígena Alto Rio Guamá (PA). Nessa iniciativa, mulheres criam adornos com sementes, folhas e penas, reafirmando-se como guardiãs da floresta e disseminadoras de práticas sustentáveis que equilibram uso econômico e conservação ambiental. Em parceria com o Ideflor-Bio, coordenado por Claudia Kahwage, e a Amig, o coletivo de 120 mulheres de aldeias da Tiarg, localizada no município de Paragomina (Pará) criaram o e-book: “Biojoias do Povo Tembé – Mulheres Indígenas e Produção de Arte com Sementes” (Kahwage, 2024).

Esses são alguns exemplos que evidenciam princípios de colaboração e respeito intercultural do design, inclusive, em cocriação, como em oficinas do design participativo. Buscou-se fortalecer as cadeias produtivas artesanais e a preservação dos ecossistemas locais.

4. Resultados e considerações

A relação entre biojoias, design e identidade indígena revela-se como campo fértil para estudos interdisciplinares voltados à sustentabilidade. O uso adequado de recursos

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

vegetais evidencia que a produção artesanal pode ser aliada estratégica na preservação da biodiversidade, promovendo práticas de manejo sustentável (Diegues, 2000).

São observadas algumas características comuns nos projetos pesquisados: materiais – utilizam sementes, fibras naturais, penas e madeira de forma sustentável e ética; transmissão cultural e participação – saberes ancestrais transmitidos oralmente entre gerações e o fazer coletivo; reconhecimento simbólica - cada grafismo ou material representa identidades, histórias ou narrativas originárias.

As experiências apresentadas demonstram que o design possibilita a criação de processos participativos que respeitam o protagonismo indígena, ao mesmo tempo em que introduz ferramentas para aprimoramento técnico, estético e mercadológico, sem descaracterizar os valores simbólicos das peças. As biojoias constituem narrativas vivas que expressam cosmologias, saberes e modos de vida baseados na interdependência entre seres humanos e natureza. O design, ao reconhecer sua dimensão política, torna-se mediador de processos colaborativos e agente de transformação social (Escobar, 2018; Manzini, 2015; Mourão, 2011).

Por fim, destaca-se a relevância de políticas públicas que apoiem o artesanato indígena, garantindo condições justas de trabalho, proteção de territórios e valorização dos direitos coletivos (Sachs, 2009). Assim, torna-se possível consolidar futuros desejáveis, em que sustentabilidade, identidade cultural e justiça social caminhem de forma integrada.

REFERÊNCIAS

@ISABELAWAPICHANA. Disponível em: <https://www.instagram.com/isabelawapichana/>. Acesso em: 29 set. 2025.

DIEGUES, Antônio C. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

ESCOBAR, Arturo. **Designs para o pluriverso**: radicalizar a imaginação política. Tradução de Maurício Waldman. Florianópolis: EdUFSC, 2018.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

HIRSCH, Lorena Araujo. **A cultura dos povos originários do Brasil**. Biblioteca do CECULT/UFRB, 18 abr. 2023. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/365-a-cultura-dos-povos-originarios-do-brasil>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KAHWAGE, Claudia. **Biojoias do povo Tembé**: mulheres indígenas e produção de arte com sementes. Belém, PA: IDEFLOR-Bio: Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento - CIRAD, 2024.

LEAL, Vinicuis. **Biojoias do Povo Tembé** – Mulheres Indígenas e Produção de Arte com Sementes. Belém: IdeflorBio, 2024. Disponível em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/biojoias-do-povo-tembe-ganham-destaque-em-obra-literaria-digital-do-ideflor-bio/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

LOPES, José Rogério. Do latente ao manifesto: biodiversidade e biojoias como novas representações de valor. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v.14, n. 4, 2018.

MANZINI, Ezio. **Design, quando todos fazem design**: uma introdução ao design para a inovação social. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MIRANDA, Jeferson. **Biojoias que transformam**: Coletivo Nunghara capacita mulheres da Amazônia para empreender com sustentabilidade. Disponível em: <https://portalsantarem.com.br/destaques/biojoias-que-transformam-coletivo-nunghara-capacita-mulheres-da-amazonia-para-empreender-com-sustentabilidade/161489/>. Postado em 21 fev. 2025. Portalsantarem.com.br. Acesso em: 29 set. 2025.

MOURÃO, Nadja Maria. **Sustentabilidade na produção artesanal com resíduos vegetais**: uma aplicação prática de design sistêmico no Cerrado Mineiro. (Dissertação) Mestrado em Design. UEMG, Belo Horizonte, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107–130.

POLITICAMACUXI.COM.BR. **Biojoias Wapichana**: a indígena que aprendeu a empreender para multiplicar e hoje transforma sua comunidade com projetos coletivos. Postado em: 08 jun. 2025. Disponível em: <https://politicamacuxi.com.br/2025/06/08/biojoias-wapichana-a-indigena-que-aprendeu-a-empreender-para-multiplicar-e-hoje-transforma-sua-comunidade-com-projetos-coletivos/>. Acesso em 29 set. 2025.

SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2009.



V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

SCHIERHOLT, Anelise Fabiana Paiva. **A produção de biojoias no Norte do Brasil:** como as sementes são ressignificadas em redes de sustentabilidade. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SCHIERHOLT, Anelise Fabiana Paiva; ROMERO, Fanny Longa; LOPES, José Rogério. **Biojoias, biodiversidade e redes de sustentabilidade na Amazônia:** o caso da Cooperativa Açáí, de Rondônia. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.